

Fatos e Fotos GENTE

BRASÍLIA, 16 DE JUNHO DE 1975 - N.º 721 - ANO XV - C\$ 6,00 - RIO BRANCO, BELÉM, BOA VISTA, MACAPÁ, MANAUS E PORTO VELHO (VIA AÉREA) C\$ 7,00 - PORTUGAL ESC. 20800

**A MARATONA
EUROPÉIA DE FORD**

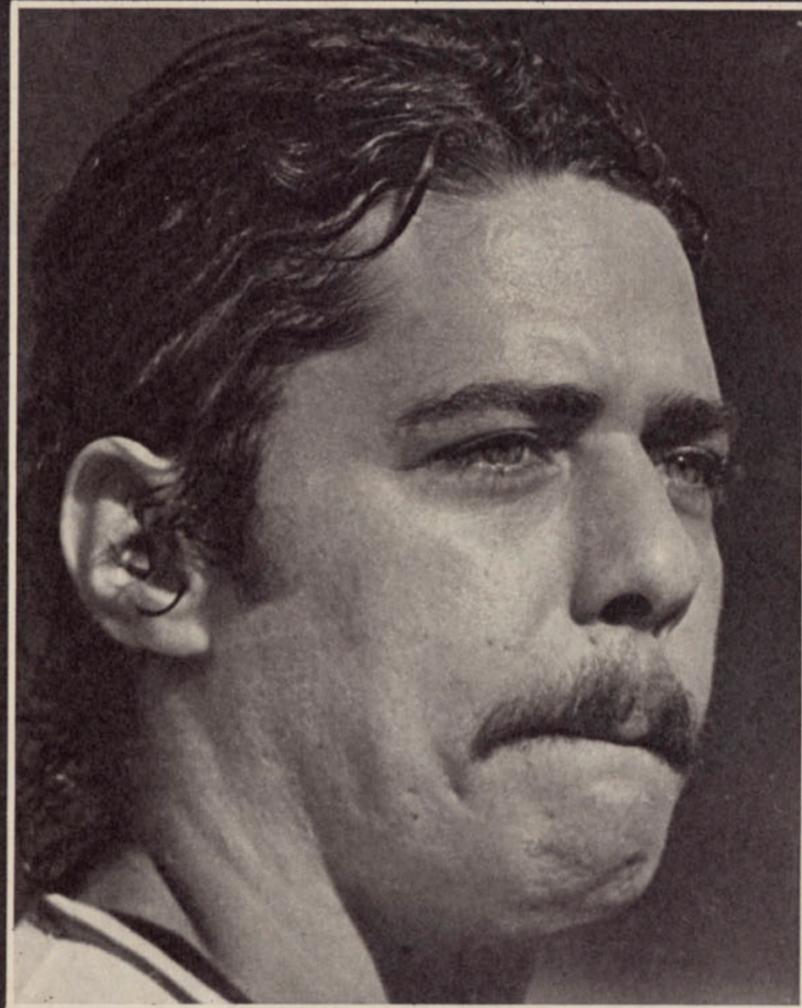
**CHICO & BETÂNIA
É UM SHOW!**

**PELÉ JÁ É DOS
AMERICANOS**

**VASCO GONÇALVES
HERÓI OU VILÃO?**

**PAULO
CÉSAR
MUDA
DE CAMISA
E DE VIDA
CASA-SE
COM
PAULA**





DO FUTEBOL VEM A ÚNICA EMOÇÃO QUE ELE SENTE NO MOMENTO

CHICO BUARQUE



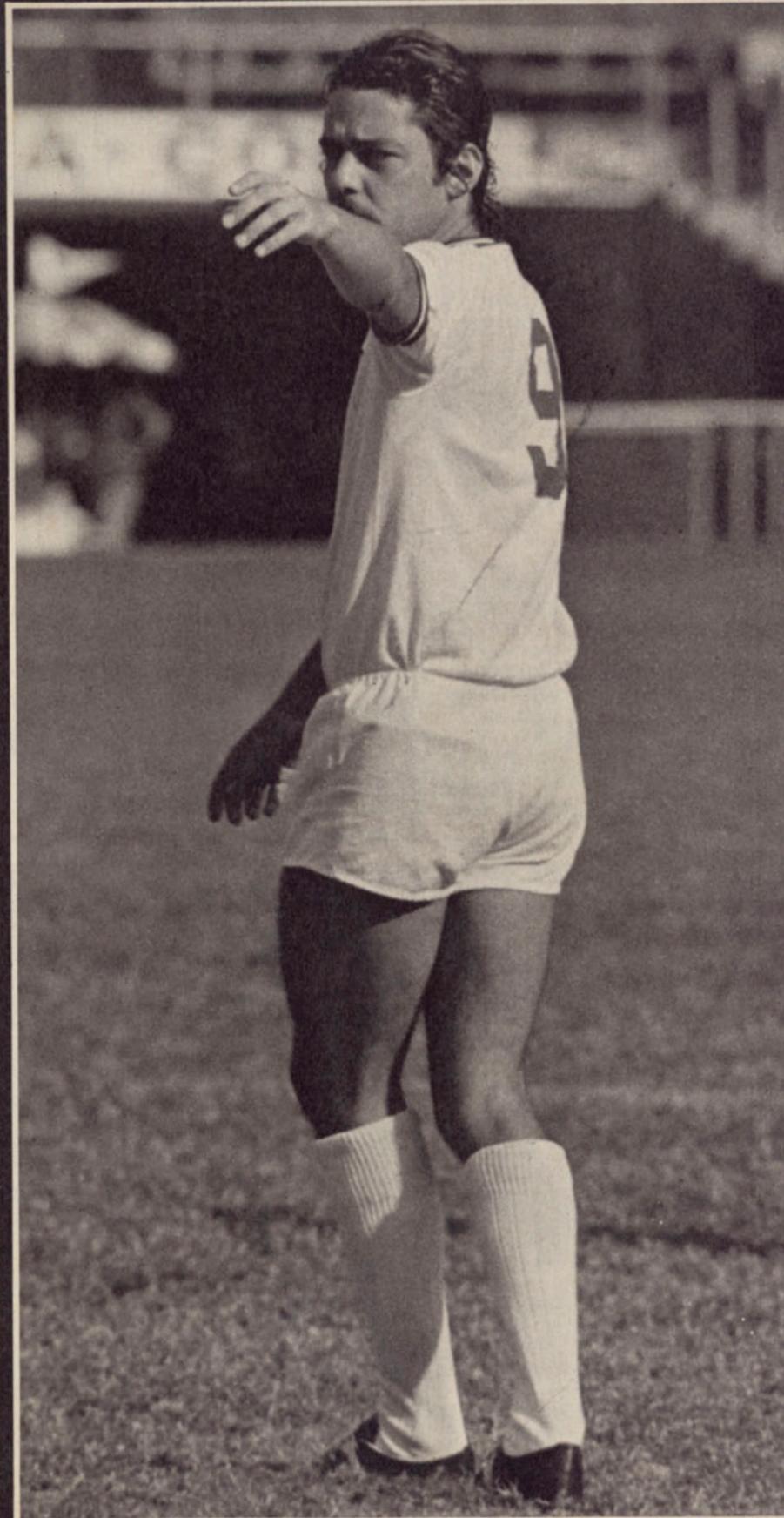
No futebol, Chico estaria extravasando toda força interior e a vontade de ser mais um na massa.

UM ATLETA CADA VEZ MAIS FORTE

A propalada aversão que Chico teria a dar entrevistas está desmentida. Ele falou, respondeu a tudo, embora frisasse que o que teria a dizer já está em seus trabalhos: discos, peças, livros e shows — um dos quais acaba de estreiar esta semana, no Canecão, com Betânia. Sua disposição para falar é a mesma desde que não o impeçam de jogar sua pelada

O atleta Francisco Buarque de Holanda é visceralmente idêntico ao compositor Chico Buarque, em se tratando de comportamento. No campo, ele também se faz de *durão*: não entrega os pontos e insiste em não confessar até onde vai sua resistência física para jogar futebol. Não agüenta, é verdade, ativamente os 90 minutos da partida. No início do jogo, chuta sempre para o gol, apesar de marcar raramente. Depois, já cansado, permanece, aos berros e de coração aceso, no meio do gramado, até o juiz anunciar, com estridente apito, o final da partida. Muito branco, corpo magro e com os olhos vermelhos e inchados, reveladores de uma noite mal dormida — é assim que Chico entra em campo, se equilibrando nas suas chuteiras. Certamente, os fãs que procurassem nele atributos que o identificassem como um robusto e eficiente atleta,

continuariam se interessando apenas por suas músicas. Mas esse atleta especial suscita a tese de que ele se aventura nas partidas apenas com o objetivo de jogar para fora uma grande força interior e uma vontade imensa de ser um a mais na *massa*. Sorrindo, o mesmo bigode, um jeito incrível de universitário, a ansiedade transcendendo todos os seus gestos e quase interferindo na boa vontade com que dá a entrevista, Chico — sem desviar os olhos da bola e do campo, enquanto alguns colegas atletas brincam no gramado, tenta se explicar: "Eu gosto de futebol, simplesmente porque gosto. Aliás, é a única coisa que posso fazer para manter a forma, já que não consigo fazer ginástica. Jogo todos os fins de semana, sobretudo futebol-de-salão. Fora do trabalho, é o meu único entretenimento." O mesmo Chico que tenta disfarçar sua



No campo é que ele se sente bem. Mais ainda com a camisa tricolor.



relação crescente com o campo e a bola já inventou, quando morando na Itália, um brinquedo baseado no futebol: o *Ludopedio*, industrializado por uma fábrica de brinquedos infantis. Aliás, curtir tudo sobre futebol é um passatempo que vem desde os seis anos de idade. Foi nessa época que começou a acompanhar os campeonatos, levado pela mãe, D. Maria Amélia. O primeiro jogo a que assistiu foi Fluminense x Palmeiras, pelo torneio Rio-São Paulo, nascendo aí sua paixão pelo Fluminense. Nas peladas de rua em São Paulo, jamais abandonava a camisa tricolor. Nada mais natural, então, que na nova casa da Gávea, onde a família Buarque de Holanda está morando (ele deixou o apartamento na Lagoa Rodrigo de Freitas porque o quarto estava pequeno para as duas filhas, Sílvia e Helena, e Marieta esperava outro filho), a grande atração seja o campo de

CONTRARIANDO AS APARÊNCIAS, ELE DIZ QUE NÃO É POLÍTICO, MAS SÓ UM COMPOSITOR

futebol. Afinal, conforme diz, o futebol é a única coisa que o emociona no momento, embora continue seu trabalho normalmente. Ele está escrevendo uma peça com Paulo Pontes, cujo nome provisório é *Gota d'Água*: "É um trabalho de conteúdo social. As músicas ficarão prontas daqui a mais algum tempo." Além disso, acaba de estreiar um *show* com Betânia, no Canecão. Enquanto o jogo não começa, ainda é possível conseguir autógrafos dele e prosseguir com a conversa, já que depois da partida é difícil. Sai rapidamente do campo, *se manda* para casa, quase fugindo, porque não gosta de multidão e, segundo se comenta, nem de entrevistas.

"De fato, eu tenho certa fobia quando vejo muita gente em volta de mim. Mas não é bem assim. Aliás, não estamos aqui a conversar naturalmente? Às vezes, as pessoas não entendem. Tudo que tenho a dizer está nas minhas composições, peças de teatro e livros (o último, *Fazenda Modelo*, é o mais vendido no país há 23 semanas seguidas). Enfim, está tudo no meu trabalho. O resto são opiniões pessoais. Mas pode perguntar porque respondo tudo."

A MORTE DO PSEUDÔNIMO

Chico está tentando apenas ser amável. Realmente ele se irrita, fica nervoso, "mais universitário ainda" nas entrevistas, principalmente quando às suas primeiras iniciativas se associa uma imagem política. Frisa que não é político, mas apenas compositor, e que política é para os políticos. Em seu trabalho, sua preocupação única é, acentua, retratar o comportamento, o cotidiano. "Infelizmente, hoje, no Brasil, qualquer crítica à classe média é considerada protesto." O que Chico não esconde, porém, é que pertence a uma geração que se preocupou muito com a política:

"Mas isso é uma coisa intuitiva, da qual não posso abrir mão, pois não posso modificar minhas raízes. Pode-se identificar o mesmo comportamento em outras pessoas de minha geração. O que acontece é que a juventude de hoje não tem condições de se interessar pelas mesmas coisas."

Apesar de tudo, Chico não desanima, nem com o fato de ter conseguido aprovação da Censura somente para duas das 14 composições que enviou para lá. Brinca até com a possibilidade de seu programado *long-play* se transformar num compacto.

"É apenas questão de momento. Há músicas que são proibidas no inverno e liberadas no verão. Tudo depende da estação", diz ele sorrindo. O mesmo

sorriso irônico que conserva em sua fisionomia, enquanto canta baixinho: "Acorda amor, / Eu tive um pesadelo agora, / Sonhei que tinha gente lá fora, / Batendo no portão. / Era a dura, / Muito escura, / Numa viatura. / Minha nossa, / Santa Criatura, / Chame lá, chame, / Me chame um ladrão."

A música é *Acorda, Amor*, composição de *Julinho da Adelaide*, que morreu recentemente porque os pseudônimos foram proibidos (ele estava também usando músicas de outros compositores para poder gravar). Mas agora Chico se considera "com mais óleo" e já em condições de fazer muitas coisas novas e boas para a peça que escreve com Paulo Pontes.

Há mais de dez anos, Chico musicou *Morte e Vida Severina*, peça montada com poemas de João Cabral de Melo Neto e que foi muito elogiada pela crítica e pelo público. A mesma peça está sendo, agora, adaptada para a televisão, possivelmente para um próximo *Caso Especial*, da TV Globo. Sua participação está sendo apenas dar a permissão para que suas músicas, compostas especialmente para o espetáculo, sejam usadas. Ele não faz nada de específico no momento para a televisão:

"Por dois motivos sérios. Primeiro, porque eles, os homens que comandam a televisão brasileira, nunca me chamam para nada. Segundo, porque não gosto. Apesar de a televisão ser mais lucrativa, prefiro o teatro, que não sufoca a personalidade. Na televisão, o desgaste é inevitável, ela acaba com tudo. Quer dizer, não sou contra o veículo de comunicação, mas contra a maneira como a televisão existe no Brasil — auto-suficiente, queimativa e prepotente."

Enquanto o jogo não começa, Chico continua conversando e atendendo aos pedidos de autógrafos de um número cada vez maior de crianças. Mas não tira o olho do campo, pois a confusão que já se nota no meio do gramado é o sinal. Chico avisa que está na hora do jogo começar e que a entrevista vai acabar. Logo ele voltará também aos tempos de criança. Vai levar esbarrão, dar pontapé e o troco, falar palavrão, ficar vermelho, de raiva e de satisfação. O compositor Chico Buarque é cada vez mais atleta. Toma seus pilequezinhas, dorme quando já é madrugada, acorda e almoça tarde. Trabalha o resto do dia, mas interrompe tudo pelo futebol. "É gostoso e me faz sentir bem."

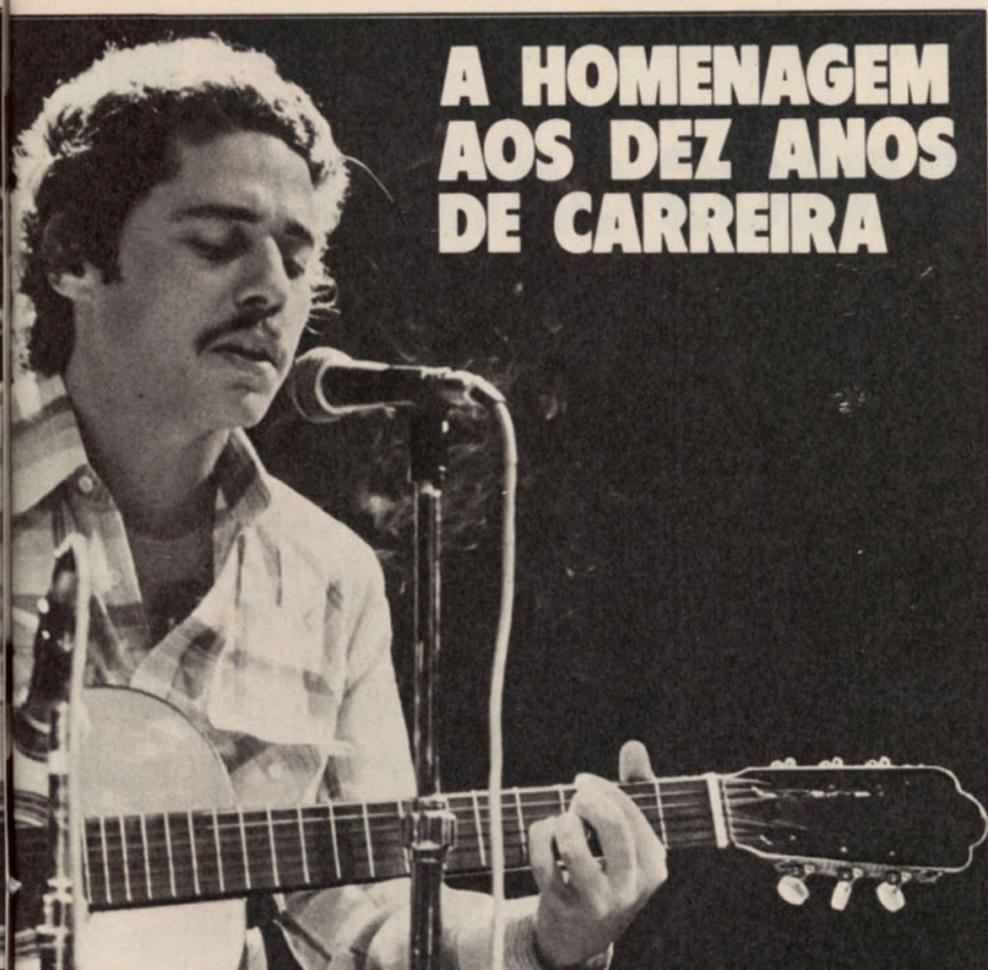
Reportagem: Jussara Martins
Fotos: Rogério Carneiro e Antônio Trindade



Diante da platéia e vencida a ansieda



Juntos, Chico e Betânia vão contar os

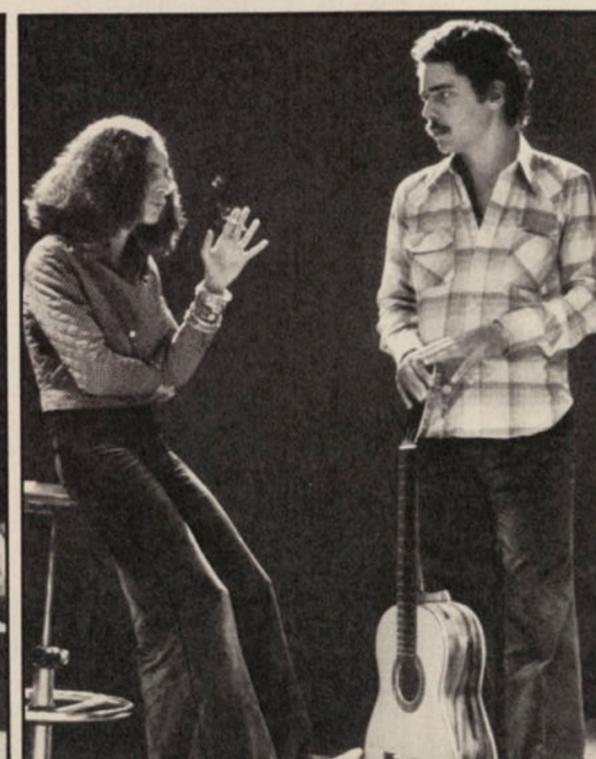


A HOMENAGEM AOS DEZ ANOS DE CARREIRA

de natural, Chico Buarque tem muitas coisas novas para contar.



dez anos de carreira.



SÃO dois temperamentos opostos diante de uma platéia. Chico Buarque sente tamanha ansiedade ao enfrentar um palco, que não consegue dispensar as três ou quatro doses de uísque, tomadas a um só gole, antes de entrar em cena. Maria Betânia, no entanto, considera o palco sua verdadeira paixão e nele se sente completamente à vontade. Depois do trabalho que fizeram, juntos, no filme *Quando o Carnaval Chegar*, Chico e Betânia se reúnem num *show* que está sendo apresentado no Canecão do Rio e que comemora os dez anos de carreira de cada um. Um espetáculo, assim, com característica especial, ou "uma festa incrível", como diz a cantora.

"Eu e Chico estamos comemorando dez anos de carreira. Já pensaram nisso? Muita gente pode achar que o público do Canecão não vai curtir a gente, que é um pessoal de classe média acomodada, como alguns dizem. Mas acho o contrário. É muito bom levar a nossa música a pessoas diferentes do nosso público usual. Vai ser maravilhoso."

O *show*, do qual será lançado um disco, tem como diretor-geral Osvaldo Loureiro, assessorado por um grupo de criação formado por Caetano Veloso e Rui Guerra e conta com a participação de uma orquestra de 31 figuras, uma ala de escola de samba (35 pessoas) e o conjunto Terra Trio. Para a montagem cênica, o Canecão sofreu praticamente uma reforma, transformando-o numa arena, com o *show* se desenrolando num palco circular giratório. Não há texto; apenas músicas de Herivelto Martins, Raul Seixas, Sueli Costa, Paulinho da Viola, Caetano e, evidentemente, do próprio Chico, que vai mostrar várias composições inéditas. "Uma das minhas músicas novas é *Vai Levando*, que fiz com Caetano. Mas há ainda *Bem Querer*, *Tanto Mar*, *Gota d'Água*. Esta última fará parte da peça que escrevo com Paulo Pontes."

De todas, porém, Chico fala com emoção de *Sem Açúcar*, feita sob medida para Betânia, enquanto ela, esguia como sempre, com os *spots* sobre o rosto, ensaia: "Meu corpo é uma fogueira, enquanto ele dorme pesado/eu rolo sozinha na fogueira..." Ela canta como se ali, naquele momento, estivessem todos os lugares da platéia ocupados:

"O palco para mim é como Santo Amaro — um lugar sagrado. Uma energia me prende a ele e até nos ensaios sinto isso. É o lugar onde gostaria de morrer." Como diz o produtor Manuel Valença, tudo leva a crer que o *show* será um sucesso. Até mesmo o clima de expectativa diante do primeiro trabalho de envergadura que Chico e Betânia farão juntos.

Reportagem de José Esmeraldo Gonçalves
Fotos de Antônio Trindade